



Adriana Saker

Secundaristas ensaiam a luta

SÃO PAULO — Assim como os estudantes universitários, ao lado de quem engrossaram nos anos 60 o principal leito por onde correu a resistência à instalação do regime militar, os secundaristas também tentam ressuscitar. A nova fase inaugurada há dois anos já anima seus dirigentes, com o funcionamento de mais de 3 mil grêmios estudantis nas escolas do país.

— Estamos em fase de reconstrução e ascenso — define o presidente da UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas), Rovilson Brito, de 19 anos, que não dispensa frases de efeito e jargões em voga 20 anos atrás. “Nosso movimento atual, tendo como alvo a situação econômica, expressa na luta contra o abusivo aumento de mensalidades, tem como pano de fundo a situação política”, diz Rovilson, que se mostra entusiasmado com as recentes manifestações de rua dos secundaristas paulistas.

Ele se refere às paralisações no Colégio Objetivo, um dos mais seletos centros de estudos em São Paulo, cujos alunos bloquearam, por algumas horas em quatro dias seguidos, a movimentada Avenida Paulista. Esse protesto, porém, só conseguiu irritar os motoristas e moradores da região, vítimas dos grandes congestionamentos provocados pelos secundaristas.

— É animador ver estudantes dali gritarem contra os aumentos, mas já associando a situação com a dívida externa e com os problemas do ensino privado — assegura o presidente da UBES, que não parece preocupado com a repercussão negativa desses protestos junto à população por causa do trânsito. Rompido com o governo do presidente Sarney — “que não respondeu a que veio, defende o conservadorismo e o arrocho salarial” —, Rovilson acredita que a mobilização já começou. “Nosso movimento não se dirige para a derrubada do regime, ainda”.

— O que está havendo nos últimos tempos é uma redefinição dos campos em luta e estamos nos posicionando — avisa o líder estudantil, que também é coordenador de uma auto-intitulada União da Juventude Socialista. Para ele, o governo do presidente Sarney não se importou em resolver a questão do ensino brasileiro, ao permitir o avanço da rede privada de ensino “que cobra o que quer”, e isto se voltará contra ele próprio dentro de pouco tempo.

— O Governo, isolado, volta sempre a falar em pacto social. Um pacto que não toque na reposição salarial, na reforma agrária, na redefinição da questão do ensino, na suspensão da dívida externa não nos interessa”, sustenta o líder secundarista. “O pacto que ele quer é mais ou menos o seguinte: os setores populares entram com o pescoço e o empresariado, inclusive os donos de escolas, contribuem com a guilhotina”, diz Rovilson Brito.

O presidente da UNES acredita que, com a experiência acumulada pela entidade (que, com as que congregam universitários, também sofreu longos anos na ilegalidade), os secundaristas voltarão a atuar mobilizados por grandes causas quando a conscientização chegar a níveis ideais. (J.F.L.)